

TEXTOS HISTÓRICOS

Introdução ao texto “Antropotecnologia, ferramenta ou engodo?” de Alain Wisner

Leda Leal Ferreira

(Ex-aluna de Alain Wisner)

Pesquisadora aposentada da Fundacentro, Brasil

ledalefe@gmail.com

É sempre um prazer falar ou escrever sobre o professor Alain Wisner. Já tive a ocasião de fazê-lo algumas vezes (Ferreira, 2004 a e b; Ferreira & Foret, 2006) e cada uma delas foi uma ocasião de recordá-lo com saudades. Assim, foi com satisfação que recebi o convite da revista *Laboréal* para me manifestar sobre o texto *Anthropotechnologie: outil ou leurre?* de Wisner, publicado há quase trinta anos. Na verdade, eu já conhecia este texto: o número zero, de 1999, da revista *Ação ergonômica*, da Associação Brasileira de Ergonomia, já o havia publicado sob o título *Antropotecnologia: ferramenta ou engodo?* junto a outros nove textos, prestando uma homenagem ao professor pela sua grande contribuição ao desenvolvimento da ergonomia no Brasil.

O texto é bem didático, revelando uma das principais características de Wisner: ele era, antes de tudo, um professor preocupado com a aprendizagem de seus alunos. Começa preconizando que, às ciências da natureza, que estão na base da ergonomia, se acrescenta as ciências da sociedade, quando o problema a ser enfrentado é o de melhorar a transferência de tecnologia do ponto de vista dos trabalhadores e dos países compradores. Este seria o propósito da antropotecnologia. Passa, em seguida, a descrever as várias modalidades de transferência de tecnologia, destacando o “extraordinário poder político das empresas multinacionais na vida das nações”; fala das críticas vindas de três campos (dos “liberais”, dos “culturalistas” e dos “marxistas”) que a abordagem antropotecnológica vinha recebendo e propõe uma metodologia para a antropotecnologia, baseada na análise do trabalho (como na ergonomia). Finalmente, responde positivamente a duas questões que ele mesmo se coloca: a da viabilidade e a da utilidade desta antropotecnologia, considerada por ele uma nova “prática social”.

É a partir desta releitura que, sem nenhuma pretensão de exaustividade, pretendo desenvolver algumas ideias, chamando a atenção para três pontos.

O primeiro é sobre o vocabulário empregado, os termos usados e os não usados. É um alívio ler um texto que trata do trabalho no contexto de relações comerciais, regionais ou internacionais, sem ter que ouvir os termos “mundo globalizado”, “globalização”, “competitividade”, “sustentabili-

dade", "governabilidade", "gestão", "estratégia competitiva", "inovação", etc. [sem falar nos "benchmarking", "empowerment", "management"...] que poluem nove entre dez publicações mais recentes. Fico pensando na confusão que eles provocam nas novas gerações que desconhecem que estes termos são um modismo de origem neoliberal e que, como já diziam Bourdieu e Wacquant (2000), fazem parte de uma espécie de nova língua, uma "novlangue" vaga, baseada em eufemismos, a tentar nos confundir. Por outro lado, no texto de Wisner encontramos termos que praticamente não existem em textos atuais: já quase não se fala mais em "países em desenvolvimento" (nem, como dizia Wisner, "países em desenvolvimento industrial" para destacar que sua pobreza não era cultural mas econômica). Agora temos os "países emergentes". Do mesmo modo, hoje não há mais os países socialistas aos quais Wisner se referia e com isso o termo "terceiro mundo" perde um pouco o sentido.

Tudo isto não quer dizer que o texto não seja atual, pelo contrário. As questões levantadas por Wisner permanecem hoje ainda mais pertinentes, pelo simples fato de que nos últimos anos a transferência de tecnologia ampliou suas modalidades e cresceu no mundo e, com isto, também aumentaram os problemas de desadaptação enfrentados pelos trabalhadores. O que não aumentou foi a preocupação com estes problemas. As "doenças do desenvolvimento", ou seja, afecções diversas que aparecem ou aumentam quando há transferência de tecnologia, que preocupavam Wisner, atualmente não fazem parte das agendas científicas em praticamente nenhum país. São tão ou mais negligenciadas que as chamadas "doenças negligenciadas", que atingem as populações mais pobres do mundo.

O segundo comentário é sobre o termo antropotecnologia. Antropotecnologia em si é um neologismo e pode querer dizer várias coisas diferentes. Por exemplo, foi com este nome que dois artistas brasileiros fizeram uma exposição de telas e esculturas ao qual deram o nome de "antropotecnologia, uma análise do ser humano sob a ótica da tecnologia". Antropotecnologia também é uma palavra empregada pelo filósofo alemão Sloterdijk (2000), que se preocupa com questões colocadas pelo avanço da engenharia genética e da biotecnologia e o surgimento da tecnologia de fabricação de seres humanos. Pelo menos nestes dois casos, a preocupação com os problemas de transferência de tecnologia, que era a de Wisner, passa longe da preocupação das pessoas citadas.

Não sei por que Wisner o escolheu para nomear o conjunto de suas interrogações a respeito da transferência de tecnologia, principalmente de países desenvolvidos para os países "em desenvolvimento industrial", explicitadas no quadro de vários estudos ergonômicos de vários de seus alunos estrangeiros, no Laboratório de Ergonomia do CNAM, que ele dirigia em Paris. O que o preocupava era

como fazer com que esta transferência fosse satisfatória para os trabalhadores e para os países compradores. E isto de longa data, como conta em seu livro *Quand voyagent les usines* (Wisner, 1985). Desde a década 60 do século passado, quando foi convidado a dar cursos de ergonomia fora da França – na Grécia, na Argélia, no México- e em seguida com a chegada de estudantes estrangeiros ao seu laboratório, Wisner percebia que o arsenal teórico e prático da ergonomia que então se praticava era insuficiente para a compreensão e a resolução de problemas colocadas em outras realidades que não a francesa daquela época.

A transferência de tecnologia que interessava Wisner, pois, não era a transferência de conhecimentos entre universidades e empresas. Na verdade, Wisner estava visando mais uma operação de compra e venda de tecnologia, como disse Vargas, ex-ministro da Ciência e Tecnologia no Brasil: "não é de fato próprio falar-se genericamente em 'transferência de tecnologia'. Trata-se muito mais de uma operação de compra e venda, um comércio explícito ou implícito" (Vargas, 1997). Para Wisner, "o problema da transferência de tecnologia representava o ponto crítico, a desafio principal do comércio internacional e o futuro das condições de trabalho nos países em desenvolvimento industrial" (Wisner, 1985, pag. 49, tradução livre).

De qualquer forma, me parece claro que, com esta escolha, ele julgou que o termo ergonomia não dava conta destas experiências de transferência de tecnologia entre empresas. Talvez porque considerasse que as disciplinas que estavam na base da ergonomia – sobre o homem individual- não eram suficientes para dar conta dos problemas coletivos- políticos, sociais e econômicos e ideológicos- levantados pela transferência de tecnologia. Dizia ele:

A ergonomia se baseia nas ciências do homem individual – a antropometria, a fisiologia, a psicologia cognitiva e até, de certo modo, um pouco de micro-sociologia. A antropotecnologia coloca outra questão: a da adaptação não do trabalho ao homem, mas da tecnologia aos povos aos quais ela é endereçada, ao comprador... (Ferreira e Foret, 2006, pg. 13, tradução livre).

Atualmente, o termo antropotecnologia tem sido usado de modo diferente daquele proposto por Wisner. Para Mario Vidal, professor de ergonomia no Rio de Janeiro e um dos primeiros discípulos brasileiros do professor em Paris, responsável em grande parte pela difusão da obra do mestre no Brasil, a antropotecnologia pode ser considerada uma "extensão da ergonomia" ou uma "tendência da ergonomia" (Vidal, 1994).

Já François Daniellou, também professor de ergonomia na França e também discípulo de Wisner considera que

a abordagem ampla dos determinantes das situações de trabalho que Wisner preconizou em relação à transferência de tecnologia hoje está bem disseminada na prática da ergonomia, havendo ou não transferência de tecnologia: a reflexão sobre os efeitos da história, da geografia, dos determinantes econômicos, da demografia, da cultura, etc. hoje fazem parte da vida quotidiana de numerosos ergonomistas. Agir sobre a organização do trabalho também é um objetivo da ação ergonômica, atualmente muito disseminado...[...]. Existe certamente uma diferença de escala entre uma intervenção ergonômica em uma cooperativa do Périgord e uma transferência de usina na África: mas nos não cremos que haja uma diferença de natureza (Daniellou, 2006, pg. 34, tradução livre.)

Não sei se Wisner estaria de acordo com estas interpretações, mas desconfio que não. De minha parte, acho que se é verdade que alguns ergonomistas têm uma "abordagem ampla" eles são uma minoria. A ergonomia que se aplica e difunde em cada país e no mundo continua sendo predominantemente uma técnica que se restringe a uma série de recomendações impostas aos trabalhadores sobre suas posturas ou gestos e/ou a recomendações sobre formas e dimensões de algumas máquinas, móveis ou equipamentos. Infelizmente, está mais para Frederick Taylor do que para Alain Wisner.

O terceiro e último ponto que gostaria de comentar é a preocupação com o trabalho humano. O que marca e diferencia o trabalho de Wisner, seja na ergonomia ou na antropotecnologia, é a sua preocupação com o trabalho humano. É uma preocupação política, que sempre o orientou em sua prática científica e em sua prática social. Ele mesmo nos explicava que, seja na abordagem ergonômica ou na antropotecnológica, a base é sempre a análise do trabalho, feita lá onde as pessoas estão trabalhando e não nos escritórios onde ficam as suas chefias. Como ele se insurgia contra o desconhecimento por parte de quem concebe máquinas ou equipamentos sobre o trabalho a ser realizado pelos trabalhadores! Por não conhecer este trabalho ou ter dele uma ideia puramente abstrata e fora do contexto, os "conceptores" criavam aberrações que só dificultavam o trabalho e prejudicavam os trabalhadores. Poderíamos pensar que o exemplo que ele nos dava, da proibição feita a um responsável por construir uma máquina que provocava acidentes de ir à fábrica ver como esta máquina estava sendo utilizada, era coisa do passado pois este exemplo se passou na década de 60 do século passado na fábrica da Renault, na França (Ferreira & Foret, 2006). Infelizmente, não é o caso. As empresas continuam dificultando o acesso

de técnicos aos locais onde trabalham os operários, como mostrou, por exemplo, Inoue (2012) a respeito da proibição de técnicos de segurança do trabalho de fazerem inspeções no "chão de fábrica" em algumas empresas metalúrgicas no estado de São Paulo, o mais rico do Brasil. E o horror ao trabalho de campo, à análise do trabalho real, que impressionava Wisner, continua predominando entre as chefias encarregadas das condições de trabalho nas empresas ou nos governos.

Colocar o trabalho no centro das preocupações levou Wisner a se preocupar com a inteligência. Primeiro, a dos operários e trabalhadores. Dizia ele: um ser humano não pode fazer nada, sentir nada sem pensar e, portanto, um trabalhador nunca é apenas um executante. As implicações deste pensamento estão longe de terem se esgotado. Depois, a inteligência dos povos: ele nunca se deu ao direito de ditar normas para os dirigentes de empresas ou de governos, nos países em que era convidado, sobre o que seria melhor fazer. Embora conhecesse a realidade do que se passava nas empresas de vários países às vezes melhor que alguns nativos, ele sempre teve consciência dos limites de qualquer intelectual quando se põe a falar de realidades que não são as suas, de histórias que desconhece. Para Wisner, a "one best way" taylorista não existia.

De minha parte, espero que estas preocupações de Wisner com o bem estar dos trabalhadores e das nações, com "a utilização de conhecimentos científicos sobre o homem relacionados à vida industrial e técnica" tenham um futuro promissor, imediato ou mais tardio, seja sob o nome da antropotecnologia ou de outro qualquer.

Referências bibliográficas

- Bourdieu, P. & Wacquant, L. (2000). La nouvelle vulgate planétaire. *Le monde diplomatique*, mai, 6-7.
- Daniellou, F. (2006). "Je me demanderais ce que la société attend de nous...". À propos des positions épistémologiques d'Alain Wisner. *Travailler*, 15, 23-38.
- Ferreira, L. L., & Foret, J. (2006). Un entretien avec Wisner au Brésil. *Travailler*, 15, 11-21.
- Ferreira, L. L. (2004a). Sobre a "impostura do conceito de trabalho manual". Uma leitura da obra do Professor Alain Wisner. In Larte Sznelwar e Fausto L. Mascia (Orgs.), *Jornada de Ergonomia da Escola Politécnica de Universidade de São Paulo*. DVD.
- Ferreira, L. L. (2004b). Les trois leçons du Professeur Wisner. In Jacques Duraffourg et Bernard Vuillon (Dir.), *Alain Wisner et les tâches du présent. La bataille du travail réel* (pp. 33-41). Toulouse: Octarès Éditions.
- Inoue, K.S.Y. (2012). *A atividade dos técnicos de segurança do trabalho em empresas metalúrgicas de Osasco/SP e região*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.
- Sloterdijk, P. (2000). *Regras para o parque humano*. São Paulo: Editora Estação Liberdade.
- Vargas, J.I. (1997). *Mecanismos de transferência de tecnologia para países do terceiro mundo*. Texto disponível em www.iea.usp.br/artigos. (acesso el 20/08/2012).
- Vidal, M. C. (1994). *Os paradigmas em ergonomia: uma epistemologia da insatisfação ou uma disciplina para a ação?* Texto disponível em http://www.ergonomianotrabalho.com.br/artigos/Ergonomia_contemporanea.pdf (acesso el 30/08/2012).
- Wisner, A. (1985). *Quand voyagent les usines. Essai d'anthropotechnologie*. Paris: Éditions Syros.
- Wisner, A. (1999). Antropotecnologia: ferramenta ou engodo. *Ação Ergonômica*, 1, (0), 7-35.
- Wisner, A. (2004). *Textos escolhidos de Antropotecnologia* [Carvão, J.M.B. e Nascimento, A., Trad.]. Org. Mario Cesar Vidal e José Mario Carvão. Rio de Janeiro: Editora Virtual Científica.

ES

Introducción al texto "La antropotecnología, ¿herramienta o trampa?" de Alain Wisner

FR

Introduction au texte « L'anthropotechnologie, outil ou leurre? » de Alain Wisner

EN

Introduction to the text of Alain Wisner "Anthropotechnology, tool or bait?"

Como referenciar este artigo?

Ferreira, L. L. (2012). Introdução ao texto "Antropotecnologia, ferramenta ou engodo?" de Alain Wisner. *Laboreal*, 8, (2), 11-14 <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=48u56oTV658223577:7428;6322>